

Tendências Contemporâneas Brasileiras: “Res[sus]citações e outras formas de sangue e “Ela veio para ficar”, do grupo Mdiactors, da Universidade Federal de Ouro Preto

Fecha de recepción: julio 2018
Fecha de aceptación: septiembre 2018
Versión final: noviembre 2018

Letícia Mendes de Oliveira (*)

Resumen: Este artículo presenta un panorama breve sobre los dos últimos espectáculos del grupo Mdiactors del Departamento de Artes de la Universidad Federal de Ouro Preto de Brasil: “Res[sus]citações e outras formas de sangue”, 2016 y “Ela veio para ficar”, de 2018. Bajo el punto de vista de la dramaturgia y de la dirección, se analizan algunos procedimientos recurrentes de los Mdiactors: la performatividad en la actuación, los efectos de real de las narrativas, la visualidad escénica de los recursos audiovisuales y los conceptos de citas visutextuales y dramaturgia reloaded.

Palabras clave: Teatro Performativo – Mdiactors - visualidad escénica - dramaturgia contemporánea - teatro brasileño

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 35]

Introdução

O grupo Mdiactors possui cinco anos de pesquisa acadêmica e artística na área dos estudos interdisciplinares entre cena e tecnologia, pelo Departamento de Artes na Universidade Federal de Ouro Preto e, nos últimos dois anos, investigou diversos elementos midiáticos, por 2 meio da criação de dois experimentos cênicos que estão em seu repertório: “Res[sus]citações e outras formas de sangue” e “Ela veio para ficar”. Em minha pesquisa como diretora e dramaturga, trabalho com esse agrupamento desde 2016, e hoje concentro meu foco de investigação sobre o Teatro Performativo e a busca de um teatro com efeitos de real em relação à dramaturgia, composta de forma original sobre fatos sociais atuais. Outra prática constante é a experimentação da ideia de “visualidade cênica”, entendida aqui como um campo expandido da linguagem estética da encenação contemporânea, que busca um diálogo horizontal, mas nem sempre conciliador e homogêneo entre luz, projeção de imagens, vestuário, cenografia, sonoplastia e atuação. O desejo é a aproximação e confronto entre as várias áreas técnicas e artísticas da encenação teatral, com o intuito de estabelecer metodologias singulares e dinâmicas para o processo criativo, mediados pela postura autoral de seus integrantes e pelo uso das novas tecnologias para a cena contemporânea.

Sobre o chamado Teatro Performativo, levamos à prática de criação as reflexões da autora teatral Josette Féral, que apresenta em seu artigo “Por uma poética da Performatividade”, as contribuições da Performance Art e da visão de Richard Schechner, com o objetivo de instaurar um sistema dialético de forças, que se situa entre a frágil cortina da ficção e o estar presente de forma engajada dos atuantes em cena, que “performam”, através de suas ações e gestos, seus pontos de vistas políticos. Desse jogo entre ficção e performance, os atuantes se confrontam com os espectadores, que são convidados a questionarem os limites entre a teatralidade e os efeitos de real da cena apresentada. (Féral, 2008). Questões como: o que é

teatral? O que é performance? O que é teatro performativo? Como se apreende a teatralidade atualmente? A teatralidade está presente na cena ou é apenas um modo específico do olhar da recepção? São algumas das problematizações que o teatro contemporâneo hoje nos legou e que o grupo Mdiactors persegue em suas investigações. Hans Thies Lehmann apresentou contribuições fundamentais sobre o chamado Teatro Pós-Dramático, que compreende a pós-modernidade depois da segunda metade do século XX, como um panorama diversificado e múltiplo, que concilia a tradição clássica às rupturas abstratas, fragmentadas e absurdas da primeira metade do século XX (Lehmann, 2007). Já o Teatro Performativo foge da lógica de soma de linguagens e admite um entrelugar conflituoso e heterogêneo entre teatralidade e performance. Entre real e ficcional. Uma linguagem híbrida não é a adição de dois ou mais conceitos ou metodologias, mas o embate e a experimentação entre práticas que podem resultar ou não em uma terceira linguagem. O Performativo é uma estética teatral que se lança ante ao abismo do risco, da experimentação e da investigação incessante, e que não se contenta com o resultado, mas com as possibilidades e questionamentos da aproximação entre o fazer do atuante e a presença do espectador. Josette Féral (2008) afirma que:

No teatro performativo, o ator é chamado a “fazer” (doing), a “estar presente”, a assumir os riscos e a mostrar o fazer (showing the doing), em outras palavras, a afirmar a performatividade do processo. A atenção do espectador se coloca na execução do gesto, na criação da forma, na dissolução dos signos e em sua reconstrução permanente. Uma estética da presença se instaura (se met en place). (Féral, 2008, p.209)

Já os chamados efeitos de real não são considerados como uma tendência de retorno à estética realista ou naturalista da representação, que anseia pela espontanei-

dade e pela verossimilhança da interpretação, mas como irrupções na trama da narrativa e experiências que dão ênfase à concretização física e material da presença de seus atuantes, do espaço, dos aspectos cênicos e dos espectadores. A pesquisadora teatral brasileira da Universidade de São Paulo Sílvia Fernandes afirma que a problematização do representado seria feita em detrimento da cena apresentada como única, como uma tentativa de suspensão e síntese da concretude do 3 acontecimento e uma forma de crítica ao risco aleatório e superficial da encenação (Fernandes, 2013). A autora ainda alerta que os ditos teatros do real desejam uma aproximação com as vozes marginalizadas pela sociedade e que os artistas são os interlocutores dessa estética de resistência. Nesse sentido, Fernandes afirma a seguir:

os teatros do real funcionam como sintoma de uma cena plantada diretamente no terreno do social. Mas nem por isso filiam-se ao realismo político característico dos anos 1960. Ainda que optem por uma ética de confronto com o contexto em que se inserem, definem uma atitude de resistência de outra natureza. (Fernandes, 2013, p.4)

Explanado alguns conceitos sobre a visualidade cênica, o Teatro Performativo e os efeitos de real, como vertentes contemporâneas, na próxima seção, analisarei alguns exemplos das dramaturgias dos espetáculos do grupo Midiactors, que consideramos como experimentos abertos em processo, pois são trabalhos brasileiros que investem tais conceitos explicitados.

Res[sus]citações e outras formas de sangue

O grupo Midiactors, que também é coordenado pela professora de direção teatral Aline Mendes de Oliveira, e também está alocada no Departamento de Artes da UFOP, tem integrantes que são artistas, alunos e alunas de graduação e pós-graduação, e mantêm uma rotina de ensaios, aprendizagem técnica e discussão teórica entre seus componentes.

O trabalho cênico realizado em 2016, nomeado “Res[sus]citações e outras formas de sangue”, que foi dirigido por mim e pela professora Aline, com composição de uma dramaturgia coletiva, criação audiovisual de Danilo Roxette, apresenta em cena o ator Danilo Felisberto e transita entre propostas ficcionais documentais, pontos de vistas autorais, o uso de efeitos de real, tais como as imagens trágicas inspiradas na guerra da Síria e a recriação de fatos documentais brasileiros, que retratam os abusos a mulheres. O espaço cênico apresenta duas superfícies verticais e perpendiculares de projeção e atuação, formando um grande “L”, e os espectadores se localizavam em frente, formando um outro grande “L”. Neste experimento cênico, trabalhei a ideia de dramaturgia chamada citações visutextuais, que pode ser definida como o confronto entre as partituras corporais, compostas pelo atuante, a partir de sugestões da diretora Aline e das imagens projetadas que apresentavam paisagens naturais, como o mar, rio ou floresta, que formavam um panorama visual poético e sensível, ou frases projetadas e que se amplificava junto com os textos narrados. Na primeira cena, o ator narra a história de Malik, podemos

ver ao fundo um grande globo terrestre que gira continuamente, e se conecta à ancestralidade da narrativa. O trecho a seguir ilustra essa ideia:

Há muito tempo atrás, haviam diversos povos que viviam próximos, irmãs, irmãos de sol e sede. Essa parte de terra, envolta a muitos reinados, fora invadido por muitos povos comandados por seus reis, que buscavam, crenças no espírito maior, uma grande cidade de paz e descanso. Após muitos afogamentos em areia, de lágrimas e sangue, essa cidade foi formada e por muito tempo comanda por unir o oriente e o ocidente. Malik, seu último rei desse nome, foi vencido severamente, trazendo divisão a essa terra, e seu povo agora com espíritos maiores que de outros povos. Invasões foram cruzadas nessa terra e comandadas até os seis dias do início do verão. Um grande cemitério, de homens, armas e sonhos. Irmãs e irmãos de sol e sede, agora vivem em paz ocasional e a fuga surge como água, as vezes em poço seco (Andrade, 2016, p.1).

Outro procedimento recorrente do Midiactors, além das imagens poéticas e da estrutura dramatúrgica fragmentada e épica, é o uso de palavras projetadas como imagens manipuladas ao vivo, que se desfazem no espaço, criando espaços abstratos e trágicos. Como exemplo, criamos ações que intensificam a relação entre as partituras do ator e o texto projetado que contava o depoimento real de uma mulher abusada pelo próprio pai na última cena nomeada 4 “Assassinas”. Quase no fim do espetáculo, é projetado repetidamente, de modo crescente a frase “Eu tentei me matar várias vezes” (Andrade, 2016), preenchendo todas as duas áreas de projeção, referindo-se à história da personagem que foi abusada pelo próprio pai. O silêncio da cena, junto ao ator ajoelhado e à luminosidade branca intensa que vai se formando devido à luz do projetor que forma as palavras, causam no espectador um desconforto trágico e ao mesmo tempo poético da cena. O procedimento visutextual da frase em luz esbranquiçada, projetado no fundo preto e manipulada ao vivo, cria um lugar de epifania, suspensão, reflexão e desencantamento da situação irremediável da jovem representada que está numa situação limite. Ficção e real se alinham e se misturam nesta composição ambígua e idílica.

Ela veio para ficar

Já o experimento cênico, que começamos a ensaiar no ano seguinte, intitulado “Ela veio para ficar”, com minha autoria e direção exclusivamente, continuamos a trabalhar com os procedimentos citados, mas o processo criativo trouxe outras contribuições. Essa peça foi a décima sexta dramaturgia que escrevi e também há a presença de narrativas fragmentárias e citações de real, assim como em “Res[sus]citações”. Em cena, há dois atuantes que transitam por várias situações de solidão e incomunicabilidade, e realizam depoimentos intercalados. Aprofundando cada vez mais o jogo performativo, a dramaturgia tem como ponto de partida as fronteiras entre real e ficcional sobre o tema da Internet. Com olhares trágicos e irônicos sobre a rede mundial tão presente

em nossas vidas contemporâneas, escrevi o texto antes do início dos ensaios, o que no processo anterior aconteceu de forma coletiva. Neste experimento, a dramaturgia partiu de inspirações em casos reais, obsessões causadas pelo vício virtual, citações de regimes de privações, violências públicas, histórias pessoais, e a metáfora sobre as diversas formas de falhas de conexão em nosso cotidiano contemporâneo. “Ela veio para ficar” nasceu do olhar problematizador sobre no universo da Internet e como uma crítica à sociedade de massificação e à violência da exposição virtual. Desse universo, há cenas sobre cyberbullying, uso desenfreado do celular e aparelhos eletrônicos, presença física e virtual mediadas pelos suportes do vídeo e do áudio são algumas questões do texto. Por meio da alteração entre a breve cortina da Ficção e a Teatralidade e o Teatro Performativo, ator e a atriz vivenciam diversas figuras em cena e se questionam se estão dentro de uma realidade virtual ou não, porém fogem da questão ironicamente. Neste sentido, ele diz a ela, no trecho abaixo:

Sam – A gente existe, não?

Ella – Não consigo te responder isso em uma única frase, mas existir, existir, acho que sim. Tem dias que sim, outros dias que não. Mas a já dramaturga disse que isso ainda não é cena. Que para ser cena as coisas precisam se conectar.

Sam – E isso não é conexão? [pausa, olham para os espectadores].

Ella – Qué um café? Acho que ainda tá cedo para vodka.

Sam – Quero um café, sim, em todo café existe uma dose de salvação da nossa total disfunção psicológica.

Ella – [ironia] O que significa que o café nos impede de matar uns aos outros. [sarcasmo] Ufa, estamos salvos...(Andrade, 2018, p.2)

A dramaturgia apresenta narrativas inspiradas em procedimentos discursivos da Internet, tais como “falha de conexão”, “em carregamento”, “loading”, “atualizar”, “recarregado ou reloaded”. O termo *reloaded* surgiu como um conceito dramaturgicamente inspirado na ideia de navegação virtual em fluxo e a partir de leituras do “drama rapsodo”, do teórico francês Jean-Pierre Sarrazac (2002), quando o autor apresenta uma noção de um todo despedaçado, e utiliza a metáfora do bardo, cantor, rapsodo como condutor da narrativa oral. No caso dessa dramaturgia, desloca tal ideia para uma composição baseada nos procedimentos de ir e vir dentro de uma rede virtual e o usuário da Internet torna-se o narrador que controla o curso dos dados. A dramaturgia vista como uma rede espiralada, mergulhada nas lógicas dos links e chaves binárias, é uma dramaturgia que busca a impossibilidade de início e fim dos acontecimentos apresentados, porque nunca chega a ser recarregada completamente, pois é falha, desconexa e passível de erro. Uma dramaturgia que mostra infinitas bifurcações em face aos fatos narrados ou apresentados. É uma narrativa essencialmente épica-fragmentada, situada num futuro próximo, que nunca se realiza completamente. Uma dra-

maturgia *in-charge*, em carregamento, em devir, que cita o passado, deseja e teme o futuro e nunca é plena no presente. A atriz comenta sobre esse mecanismo de ir e vir:

Amanhã vai ser um novo repetido tudo de novo: ele vai voltar para sua porta e tudo vai ser acionado direitinho e igualzinho do jeitinho que você me contou, como no aplicativo, é só você acionar os botões certos. E aos poucos, tudo vai ser deletado.(Andrade, 2018, p.15)

Essa questão está intimamente ligada à impossibilidade de conexão entre as pessoas e ao inevitável isolamento e alienação, gerados pela fuga dos indivíduos mergulhados nos meios de comunicação virtuais e que também causa a alienação e amnésia coletivas. Ella diz a Sam: “A gente quer imagem, conforto e internet de alta velocidade, a gente quer Netflix, mil seguidores no Face e outros mil no Instagram, a gente quer boleto pago no início do mês e fazer match no Tinder, Sam” (Andrade, 2018, p.7) Os limites entre o virtual e o real nas relações humanas são apreendidos a partir de procedimentos audiovisuais, uso de celulares, eletrodomésticos e da captação e transmissões ao vivo das imagens dos atores. Utilizamos inclusive recursos de *delay* (define-se como um certo atraso na re-transmissão do vídeo), destacando o erro e explorando a projeção como meio artificial, além disso, o tratamento das imagens manipuladas também ao vivo, são texturizadas e rasuradas. O principal procedimento é o vídeo mapping, que se constitui como a projeção das imagens digitais mapeadas em três telas em tecido branco translúcido, dispostas no espaço cênico, e que são manipuladas ao vivo por Danilo Roxette.

Como chave conceitual para se abordar a relação entre o real e virtual, “Ela veio para ficar” teve como referência teórica o artigo nomeado “Uma Comparação entre Presença Cênica e Presença na Realidade Virtual”, do pesquisador Sebastian Xavier Samur (2016), da University of Toronto, que define tal ideia, a partir da noção de “telepresença”:

O termo telepresença foi usado originalmente por Marvin Minsky (1980), ao discutir as tecnologias que prolongavam o corpo de maneira remota por meio de membros robóticos. O termo continuou a ser usado, mas a simplificação presença também começou a ser empregada para abranger outras experiências tecnológicas, que não necessariamente envolviam tarefas remotas. O termo presença é usado na atualidade para descrever experiências com tecnologias, que variam desde robôs e máquinas ativados remotamente até mídia social, videogames e realidade virtual. Cada tecnologia permite que se habite um ambiente virtual de uma maneira diferente. A presença, com tecnologias que envolvem a atividade remota, é medida pela capacidade do usuário para completar uma tarefa como se estivesse imediatamente à mão. (Samur, 2016, p.244)

Na cena nomeada “Eu te prometo te conectar por toda minha vida”, surge uma grande crítica ao uso desen-

freado da Internet, e de maneira irônica, os atores fazem promessas vazias e superficiais, como se fizessem meditação ou exercícios mentais de autoajuda. Ao mesmo tempo, são captadas suas imagens em tempo real e reproduzidas ao vivo, criando um ambiente de ressonância e ecos visuais de sobreposições e distorções, inspirado no recurso de várias janelas das telas de um computador e nas colocações de Samur (2016) sobre como cada indivíduo apreende de modo particular o ambiente virtual. A narrativa diz:

Ele – Meus desejos criam minha própria realidade.
 Ela – Meus desejos criam minha própria realidade.
 Ele – Alinho-me com as coisas que tenho e quero.
 Ela – Alinho-me com as coisas que tenho e quero.
 Ele – Desintegro todas as mensagens que me manipulam.
 Ela – Desintegro todas as mensagens que me manipulam.
 Ele – Meus sonhos estão se realizando no exato instante em que vivo.
 Ela – Meus sonhos estão se realizando no exato instante em que vivo.
 Ele – Você está conectado com o todo.
 Ela – Você está conectada com o todo. (Andrade, 2018, p.4)

Em “Ela veio para ficar”, exploramos, portanto, em todas as cenas formas de conexões entre as pessoas, para podermos discutir o porquê da fuga dos indivíduos mergulhados nos meios de comunicação virtuais e ausentes de relações pessoais reais. O espetáculo estreou este ano, com previsão de novas apresentações posteriormente, e estamos sempre buscando nos aproximar com os espectadores, para pensarmos novas soluções de aprimoramento técnico, artístico, político e humano de nossas ideias e posturas.

Considerações finais

Este texto teve o intuito de apresentar um pequeno painel de minhas investigações e práticas como diretora e dramaturga, dentro do Midiactors, e apresentar alguns procedimentos criativos do grupo, tais como o uso constante em seus trabalhos do vídeo mapping como dramaturgia visual, das narrativas fragmentadas-épicas e uma atuação que procura uma aproximação com os espectadores a partir da presença concreta e política na cena. O coletivo se mantém atualmente como um grupo ativo, de pesquisa e de experimentação acadêmica, relacionado a um curso de Artes Cênicas de uma universidade pública, em conexão com a cena artística brasileira contemporânea. Afinal, a visibilidade pode ser uma armadilha irresistível, por isso, resta-nos os encontros e experiências.

Referências bibliográficas

- Andrade, L., Midiactors (2018). *Ela veio para ficar*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto.
- Andrade, L., Midiactors (2018). *Res[sus]citações e outras formas de sangue*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto.
- Féral, J. (2008). “Por uma poética da performatividade: o teatro performativo”. Em *Sala Preta: revista da Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP*, Vol. 8. São Paulo, pp.197-210.
- Fernandes, S. (2013). “Experiências do real no teatro”. Em *Sala Preta: revista da Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP*, Vol. 13. São Paulo, pp.3-13. 7
- Lehmann, H. T. (2007). *Teatro Pós-Dramático*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Samur, S. X. (2016). “Uma Comparação entre Presença Cênica e Presença na Realidade Virtual”. Em *Revista Brasileira Estudos da Presença, Porto Alegre*, Vol. 6. Porto Alegre, pp.242-265.
- Sarrazac, J. P. (2002). *O Futuro do drama: escritas dramáticas contemporâneas*. Porto: Campo das Letras.

Abstract: This article presents a brief overview of the last two shows of the Midiactors group of the Department of Arts, Federal University of Ouro Preto, Brazil: “Res[sus]citações e outras formas de sangue”, 2016 and “Ela veio para ficar”, from 2018. From the point of view of dramaturgy and direction, we will analyze some recurrent procedures of the Midiactors: the performativity in the acting, the real effects of the narratives, the scenic visuality of the audiovisual resources and the concepts of visutextual citations and reloaded dramaturgy.

Keywords: Performative Theater – Midiactors - performing visuality - contemporary drama - brazilian theater

Resumo: Este artigo apresenta um panorama breve sobre os dois últimos espetáculos do grupo Midiactors do Departamento de Artes, da Universidade Federal de Ouro Preto, do Brasil: “Res[sus]citações e outras formas de sangue”, 2016 e “Ela veio para ficar”, de 2018. Sob o ponto de vista da dramaturgia e da direção, serão analisados alguns procedimentos recorrentes do Midiactors: a performatividade na atuação, os efeitos de real das narrativas, a visualidade cênica dos recursos audiovisuais e os conceitos de citações visutextuais e dramaturgia reloaded.

Palavras-chave: Teatro Performativo – Midiactors - visualidade cênica - dramaturgia contemporânea - teatro brasileiro

(*) **Letícia Mendes de Oliveira**. Conhecida artisticamente como Letícia Andrade, é diretora, dramaturga, doutora em Artes pela UFMG, pesquisadora, professora adjunta efetiva de graduação e pós-graduação em Artes Cênicas da UFOP, Brasil.